

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONSTRUÇÕES DE FALSA CÚPULA E DE PLANTA CIRCULAR DO SÍTIO DE ÁLAMO, MÉRTOLA.

RIBEIRO, Margarida

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

RIBEIRO, Margarida, Construções de falsa cúpula e de planta circular do Sítio de Álamo, Mértola. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jun.-Dez. 1963, p. 391-404.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Construções de falsa cúpula e de planta circular do sítio de Álamo (Mértola)

Por MARGARIDA RIBEIRO.

Em Junho de 1962, no Colóquio dedicado à Cultura castreja e sua herança social na área galaico-portuguesa, integrado nos trabalhos do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, reunido na cidade do Porto, assisti à leitura do Relatório apresentado pelo Professor Doutor Jorge Dias e Dr. Veiga de Oliveira, e à leitura das várias comunicações. Tive oportunidade de verificar e compreender melhor a importância magna que a tradição e o léxico possuem para o esclarecimento de muitos problemas relacionados com aquele tema.

É na tradição e no conhecimento linguístico — este no aspecto etimológico e no aspecto da toponímia — que se encontram os ecos e repercussões de estados culturais que nos precederam e as raízes etnológicas do povo.

Não me cabe a honra desta afirmação, pois há muito que ela constitui matéria de compêndio. Contudo, não me parece inoportuno referi-la, para salientar essa importância e justificar a apresentação desta nota que, embora modesta, julgo de obrigação dar a conhecer.

Numa das sessões de estudo daquele Colóquio, impressionou-me, particularmente, o tema da constru-

ção e cobertura das habitações castrejas, já proposto e apresentado em modernas bases científicas por Mário Cardozo (1) e Jorge Dias (2), respectivamente em 1946 e 1949, e trazido novamente à luz por estes dois esclarecidos Autores e por Luís de Albuquerque e Castro (3).

Conhecia eu, desde a infância, os «chafurdões» do concelho de Marvão, aos quais aludi quando apresentei a minha comunicação sobre as calciras da Escusa, em Julho passado, numa das sessões de trabalho do Congresso Internacional de Santo Tirso, e conhecia algumas construções de planta circular e cobertura de cúpula ciclópica, que me obrigaram a meditar na tese proposta, em 1949, por Jorge Dias: — várias soluções para a arquitectura castreja, sua diferença nos diversos povoados sob influência de outras culturas, evolução arquitectónica e sua tradição confirmada nos exemplos de cabanas e abrigos de pastores dos nossos dias.

As minhas investigações sobre olaria popular, em cujo estudo exaustivo e sistemático estou trabalhando, haviam-me proporcionado a recolha de alguns elementos sugestivos, mas necessitava comprová-los, antes de os apresentar e submeter a discussão.

Só agora, no prosseguimento daquela tarefa, estou habilitada a expô-los com mais autoridade, embora à margem de uma investigação metódica e sistemática, baseada, apenas, numa tradição ainda viva e que a arqueologia parece filiar.

Vou apresentar, portanto, o resultado das minhas observações, fazendo especial referência ao sítio de

(1) *Arquitectura citaniense. O problema das casas com tecto de abóbada*, «Minia», 1946, fascs. III e IV; e *Alguns problemas da Cultura dos castros no Norte de Portugal*, «Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências — Colóquio 5.º», t. II, Porto, 1962, pp. 404-407.

(2) *O problema da construção das casas redondas castrejas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1949, vol. XII, pp. 126-168.

(3) *Habitações castrejas*, «Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências — Colóquio 5.º», t. II, Porto, 1962, pp. 426-436.

Álamo, anexo à freguesia de Espírito Santo do concelho de Mértola, por ter sido o povoado onde encontrei maior soma de elementos, dignos de mais séria pesquisa e ponderação.

Não foi o acaso que para ali me guiou. Numa das minhas viagens pelo País, ao atingir o concelho de Mértola para estudo da olaria, como já declarei, fiz estádio naquela pequeníssima aldeia para observar as características de um lugar que havia sido mencionado por Estácio da Veiga como tendo sido o local exacto onde fora encontrado o torso de uma grande estátua varonil de mármore branco (1). Ali fiquei todo o tempo de que pude dispor e lá voltei, em Outubro passado, no regresso de outra viagem pelo Alentejo e Algarve.

Ali fui encontrar algumas construções de planta circular, apresentando, na parte superior, uma secção oblíqua para implantação de uma cobertura plana; construções de planta circular providas de cobertura de falsa cúpula; e habitações com telhado de uma abada, com utilização de uma «segurança» ou parede-mestra.

O aparelho arquitectónico é comum em todos estes tipos, sendo empregado o mesmo material: pedra seca — paleozóica, do grupo carbónico (dinanciano) (2) — colocada «sobre-face», em camadas paralelas.

Prendeu-me a atenção o facto de verificar ali, não um caso esporádico, mas certo número de exemplos que podem tirar-nos muitas dúvidas e nos fazem pensar no problema das habitações castrejas.

Constituiu facto inédito, para mim, encontrar habitada, ainda, uma dessas casas de planta circular (3).

Lá entrei para observar o interior e poder descobrir os encantos da vida familiar naquele seu pequeno mundo.

(1) *Memória das Antiquidades de Mértola*, Lisboa, 1880, pág. 2.

(2) *Carta Geológica de Portugal*, 1952, 1: 1 000 000.

(3) Nos Casais do Douro, a cerca de 5 km. de Vilarouco e a cerca de 10 da estação ferroviária do Pinhão, no concelho de S. João da Pesqueira, havia notado já, em 1962, cinco casas habitadas, em forma de pombal transmontano, situadas no alto de um monte.

Situado numa área de cota elevada, nas plicaturas e montes que se prolongam em toda a extensão da bacia do Guadiana e no qual prevalece a economia agro-pastoril, este povoado constitui mais um sólido argumento em desfavor da tese de Fritz Krüger (1), em virtude de verificarmos a existência de casas circulares num lugar que não é de difícil acesso e onde não predomina a economia pastoril.

Quanto à esclarecida proposta de Jorge Dias, dadas as características do lugar de Álamo, julgo ter encontrado ali o exemplo para um estudo comparativo, por ser prova incontroversa de várias soluções arquitectónicas num estado de evolução, sob influência de culturas heterogéneas.

Parece-me interpretar melhor o processo de evolução cultural do povo de Álamo, seguindo o critério cronológico indicado pela analogia. Começarei por descrever os fornos onde se coze o pão e que funcionam de cozinha, pois nesta aldeia as chaminés são raras. Reproduzirei com fidelidade o que aprendi com os meus informadores (2), a fim de ser mais concisa.

Os fornos-cozinhas são construções de planta circular e cobertura ciclópica, cuja superfície cilíndrica não é superior à altura de um homem. Encontram-se encostados ou muito próximo das habitações e possuem um *pial* (= poial) que é utilizado para nele se colocar o tabuleiro do pão, preparar os alimentos, ou para servir de assento.

São construídos de pedra seca que se coloca em camadas paralelas, procurando «certa face», isto é, a superfície mais lisa e plana da pedra.

Logo que atinge a base da *boca* (= porta do forno), a parede circular é acrescentada na zona periférica, pelo mesmo processo.

Atingida a altura necessária, colocam-se sobre ela, de modo a estabelecer perfeito equilíbrio, lages de grandes

(1) *Las Brañas — Ein Beitrag zur Geschichte der Rundbauten in Asturisch-Galicisch-Portugiesischen Raum*, Porto, 1940.

(2) Foram meus informadores a Sr.^a Maria Carolina, de 52 anos; o Sr. António Manuel Joaquim, de 38 e o maioral de gado Sr. José Francisco Colaço, de 25 anos de idade.

dimensões, que devem ficar salientes do corpo da construção, igualmente na parte externa, como na parte interior, a fim de que sirvam de base à cúpula.

Nesta fase, inicia-se a tarefa mais difícil. Reveste-se o *lar* (= pavimento horizontal do forno) com lages delgadas, mas de grande extensão, procurando um bom acabamento na união de umas com as outras e certa regularidade no plano.

O construtor sobe então para esse pavimento, prosseguindo no seu labor.

Para construir a cúpula são indispensáveis pedras delgadas e planas, o que se obtém percutindo-as com outras mais consistentes.

A medida exacta para o avanço de cada anel da cúpula é já tradicional e não tem, como aduzirei no lugar oportuno, uma aplicação restritamente local. Corresponde a «dois dedos», segundo a dimensão transversal, como se infere.

A pedra é colocada sobre a anterior, avando sobre esta a medida de «dois dedos», de modo que o seu maior peso se exerça sobre o corpo da que lhe fica debaixo.

Para anular os efeitos da gravidade, dispõe-se uma camada de lama da vasa ou de barro sobre a rectaguarda da feira de pedras.

O trabalho prossegue durante vários dias, pois é indispensável deixar secar a lama ou o barro, a fim de que tomem consistência, para a abóbada não ruir. Logo que se encontre em condições, coloca-se outra feira de pedras, repetindo a operação com a lama, como descrevi.

A certa altura do trabalho, o artífice prossegue no exterior. Tal facto verifica-se, quando a cúpula começa a fechar, ou no momento mais oportuno para facilidade de trabalho e de movimentos.

Na extremidade superior deixa-se uma abertura com cerca de um palmo de diâmetro e que tem a designação regional de *buraca*.

Logo que se observe a perfeita consistência da cúpula, aplica-se sobre ela uma nova camada de barro ou de lama, com uma espessura que permita esconder todas as saliências das pedras, uniformizando toda a superfície curva.

Uma cantarinha de barro vermelho cortada pelo bojo e desprovida de fundo, inverte-se e adapta-se sobre a *buraca*, para servir de conduta do fumo.

Esta construção é uma das mais vivas e difundidas ao longo do Guadiana e a sul do País, encontrando-se numa área geológica do grupo carbónico, dinanciano, como disse, e vestefaliano, moscoviano e dinanciano, nos concelhos de Aljezur, Odemira, Santiago de Cacém, Grândola e Castro Verde.

Nos concelhos de Mértola, Alcoutim, Castro Marim e norte do concelho de Tavira, encontra-se associada a habitações de uma abada coberta de telha; a construções de planta circular que funcionam de cabanas e cuja cobertura cónica se faz com aproveitamento de palha de centeio (1); e a construções que delimitam uma grande área circular, situadas, sempre, na eminência de um monte ou plicatura, com a parede com o máximo de 1,5^m de altura, desprovidas de qualquer cobertura, e que servem para recolher gado.

A qualidade do barro empregado como argamassa permite, por vezes, que todo o corpo ou só a cúpula dos fornos-cozinhas seja caiada de branco, o que impede a germinação e o desenvolvimento e propagação de uma flora xerófila, caracterizada por plantas de pequeníssimo porte, idênticas às que se desenvolvem nos telhados e nos terrenos pobres.

No concelho de Castro Verde, apresentam-se com idênticas características, mas providos de um alpendre coberto de telha, envolvendo para o emprego de tijolo, na arquitectura total ou só da cúpula, a par de outras construções de planta circular e cobertura vegetal destinadas a guardar feno e gado (2).

Nos termos dos concelhos de Aljezur, Odemira, Santiago de Cacém e Grândola, os fornos associam-se

(1) Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano publicaram no seu estudo *Arquitectura* (in «A Arte Popular em Portugal», vol. I, p. 20), uma fotografia de uma destas casas, encontrada em Santa Maria de Tavira.

(2) Encontra-se publicada uma fotografia destas cabanas (Idem, *Ibidem*, p. 21).

a cabanas de pastor de reduzidas dimensões, geralmente edificadas junto de um cômodo, por razões de abrigo e maior segurança de construção.

Há que notar, porém, algumas diferenças bastante sugestivas, em relação à evolução e às técnicas seguidas.

É comum observar fornos-cozinhas totalmente revestidos de barro e caiados de branco, evoluindo para um tipo de cúpula fechada e dispondo de uma pequena abertura lateral para saída do fumo, designada *owido*, como verifiquei na freguesia de Vaqueiros (Alcoutim); é vulgar encontrar a bilha invertida sobre a *buraca* da cúpula, em fornos completamente caiados ou nus; e é comum, também, em fornos caiados, sendo mais frequente naqueles que se apresentam nus, verificar que a abertura superior da cúpula se encontra tapada com uma lage, que se desloca conforme a necessidade de maior ou menor ventilação.

Estes, segundo o critério de analogia que estou seguindo, são os mais primitivos. Observem-se, por exemplo, os fornos-cozinhas de Balurcos (de Cima e de Baixo), no concelho de Alcoutim, mais atarracados, cujas características constituem, na presente data, uma notável lição.

Fornos de tipologia análoga à de Balurcos podem observar-se, também, ao longo da estrada de Odeceixe, a sul e a norte, e nas imediações da Ribeira de Torgal.

De forma já evolvida ou degenerada, de planta quadrangular e cúpula ciclópica coberta com uma lage ou uma telha móvel, existem, ainda, no Cercal (S. Tiago do Cacém), seguindo a direcção sul-norte, para desaparecerem completamente nas Vendas do Roncão.

De planta circular e cobertura degenerada de configuração cónica, com emprego de tijolo ligado com barro e revestido do mesmo material, consoante a técnica da falsa-cúpula, podem observar-se os fornos de cozer cal, que se encontram junto da estrada secundária que segue de Condeixa-a-Nova para Olho Marinho (Poiares).

Nas cabanas de pastor que observei, mais atentamente, no Cercal, existe uma variante técnica na construção da cobertura: aproveitamento de cascalho miúdo, fácil de obter, dada a estrutura laminar da rocha, e que se dispõe sobre os anéis da cúpula, à medida que esta

se constroi, cobrindo-a depois, totalmente, com nova camada, em toda a superfície, para segurança da camada anterior; e existência de uma abertura superior, quase constante nos fornos, para saída de fumo, e que se cobre com uma lage.

Construções deste tipo, geralmente desprovidas de abertura superior e nas quais se faz utilização de cascalho proveniente do afeiçoamento da cantaria e dos blocos de mármore, são vulgares em Estremoz, Vila Viçosa e Borba, nos locais onde se pratica a extracção de calcário, servindo para preservar os operários e guardar ferramentas.

Em Trás-os-Montes, ao longo da estrada que parte de Bragança e conduz a Valpaços e Chaves, cruzando por Mirandela, e em Malhada Sorda, no concelho de Almeida, observam-se, nas vedações das propriedades rústicas, grandes e largos esteios de pedra, interpolados de pequenos muros construídos com camadas paralelas de pedra seca e miúda.

Disse que a medida convencionada de «dois dedos» para avanço de cada feira da cúpula não é apanágio das populações dos concelhos que citei. Na freguesia de Pinela (Bragança), verifiquei a mesma prática na construção do forno de cozer louça de barro e cuja fotografia se encontra publicada num ensaio relativo a olaria popular (1).

De planta em forma de ferradura, a cúpula deste forno foi construída com uma rocha de estrutura semelhante ao xisto anfibólico, que se encontra rolado no fundo dos vales e junto dos rios, sugerindo ter sido afeiçoado a choques de percutor de natureza metálica.

Atingida a máxima altura do corpo, a cobertura foi realizada segundo a técnica de anéis sucessivos, dispostos da base para o alto, avançando dois dedos sobre a camada de baixo, colocando previamente, na face inferior de cada peça, uma porção de barro, destinada a

(1) Margarida Ribeiro, *Contribuição para o estudo da cerâmica popular portuguesa*, «Revista de Guimarães», vol. LXXII, números 3-4, Guimarães, 1962, fig. 17.

permitir a aderência e a suportar, quando seca, os efeitos da pressão e da gravidade.

Para reforço e protecção das feiras, esta cúpula fechada foi revestida com uma camada de pedra seca, em toda a superfície.

É o único forno de cúpula que conheço em Trás-os-Montes. A variante técnica observada na aplicação de barro para ligação e aderência de cada peça explica-se com a necessidade de suprimir ou atenuar as saliências angulares do material empregado e que prejudicavam ou inutilizavam o trabalho. São devidas, como se calcula, à natureza da rocha, a qual apresenta uma estrutura compacta e menos laminar do que a rocha carbónica.

No lugar de Álamo, as casas de planta circular e cobertura formando, geralmente, plano inclinado sobre a dianteira e nas quais se verifica, por vezes, a utilização mista de lages e de telha, são as habitações de tipo arquitectónico mais antigo, como me elucidaram.

Os habitantes do lugar optaram por aquele tipo, por ser tradicional e por que o aparelho circular é mais resistente.

As paredes rectas, cuja verticalidade obriga à observação de uma esquadria rigorosa no afeiçoamento da pedra e à construção de esquinais robustos, oferecem demasiada exposição aos ventos e às chuvas e são mais susceptíveis de ruir, em consequência do menor erro de construção colidir com as leis do equilíbrio e da gravidade.

A sua resistência, nas regiões de pedra de estrutura laminar, está na espessura das paredes, no enquadramento das camadas e, ainda, na solução empírica, tantas vezes observada até nos lugares onde abunda o granito, de uma base de grandes proporções, em relação à espessura terminal da parede.

O lugar de Álamo apresenta-nos um exemplo de evolução digno de análise. Às habitações de planta circular, hoje abandonadas em ruínas ou transformadas em arrecadações ligadas à agricultura e à pastorícia, sucederam as casas de uma aba e a estas estão sucedendo as de duas águas.

A parede-mestra das habitações de uma aba é sempre a posterior. Possui uma grande espessura e contra

ela se encostam as paredes laterais, exercendo-se, sobre ela, uma parte da pressão do vigamento e do telhado, que descai sobre a parede dianteira. A resistência desta obtém-se com a exiguidade da altura que apresenta em relação às outras paredes e com o apoio das laterais, suportando assim a pressão vertical e as compressões laterais.

*

A tradição, quando analisada com espírito científico, oferece um somatório de elementos que nos obrigam a pensar sobre vários problemas sujeitos a revisão ou mal conhecidos.

Tão importante se me afigura, que é nela que vou filiar as conclusões teóricas deste breve apontamento, analisando sucintamente as hipóteses que podem destruir ou claudicar a proposta que desejo fazer prevalecer.

Pia Laviosa Zambotti, ao parafrasear as teses da dependência genética e da convergência (1), na sua preclaríssima Introdução à História Universal, afirma que a teoria dos ciclos encontra forte hostilidade na doutrina da convergência, ao mesmo tempo que esta encontra forte reacção na influência do meio geográfico, suscitada pela economia, independentemente do grupo étnico e da língua dos autóctenes.

A mesma erudita Professora sustenta que os fenómenos de convergência cultural se revelam, mais particularmente, no âmbito das invenções elementares, determinadas ou impostas pelo meio, servindo de exemplo, entre outros, a indústria dos pescadores de moluscos, dispersos ao longo das praias da América meridional, do norte e sudeste africano, de Portugal da Dinamarca e do Japão.

À luz deste raciocínio e de acordo com as leis gerais das culturas, o problema restrito que apresento pode

(1) *Les origines de la diffusion de la civilisation* (Trad. de Jean Gouillard), Paris, 1949.

ser decomposto e analisado nos seus dois aspectos fundamentais: filiação genética e convergência cultural no horizonte etnográfico, suscitada pelo meio e pela economia.

Julgo interpretar bem o esclarecido pensamento de Pia Laviosa Zambotti associando ao fenómeno de convergência a influência que nele exerce o meio geográfico; e julgo aduzir com justificado argumento que, nos limites do meu problema, a tese a defender é a que se prova com a existência de um fluxo proveniente do substrato indígena e que prevalece no estado de sobreposição cultural que se verifica.

Neste passo, atingi o ponto nevrálgico e do qual se afastam os dois caminhos discordantes, relativos à nossa cultura castreja: o que nos conduz à tese pré-céltica, apresentado por Martins Sarmiento, Richthofen e Mendes Correia, e o caminho que nos leva à proposta defendida e confirmada pelos estudos e investigações arqueológicas de Bosch-Gimpera e Garcia y Bellido.

Devo declarar que não tenho a estulta pretensão de esclarecer um problema que considero ainda obscuro e sujeito a revisão, pois está por realizar o estudo sistemático dos nossos castros e respectivos níveis arqueológicos.

Limito-me a anotar elementos e a justificar a minha proposta, filiando a construção dos fornos-cozinhas descritos numa tradição, cujas raízes ascendem ao Eneolítico.

Dada a área geográfica da sua difusão e tendo presente as características da sua tipologia arquitectónica, considero aquelas construções de planta circular e falsa-cúpula, segundo o critério de analogia que segui, como provenientes e evolvidas dos monumentos que entraram na arqueologia pré-histórica com a designação de criptas «alcalarenses».

A zona geográfica destes monumentos sepulcrais, cujo centro importante é o Algrve, atinge o seu extremo norte, como é sabido, no concelho de Torres Vedras, tendo a sua melhor representação nos arredores de Lisboa.

No lugar de Álamo, pude observar a importância

que os fornos-cozinhas têm na vida familiar e social, centralizando-os em si.

É neles que se preparam os alimentos, é junto deles que as refeições se consomem em comum, quando o tempo o permite, e é também junto deles que se reúne a família e se faz o contacto social com os parentes e amigos.

Relativamente às técnicas — utilização de lama ou barro para segurança dos anéis da abóbada e emprego de cascalho — também estas me parecem ter seguido um curso de evolução tradicional.

Estácio da Veiga (1) consigna o emprego de cimento de terra ou lodo na ligação da pedra utilizada naqueles monumentos e o emprego de pedra miúda e seca na execução de pequenos muros interpostos entre os monólitos das galerias. A existência de pedra miúda aludiu Jorge Dias (2), referindo fazer parte do revestimento duplo das paredes das habitações castrejas.

Santos Rocha (3) revela a existência de cascalho nos depósitos do interior dos monumentos sepulcrais que explorou na Carniçosa e que, se não constitui prova de uma técnica seguida, não exclui a hipótese de ter sido utilizado naquelas construções.

Relativamente aos exemplos arquitectónicos observados no sítio de Álamo e que declarei proveniente de uma evolução provocada por uma sobreposição de culturas, suponho considerá-la demonstrada aludindo unicamente aos estudos e investigações arqueológicas do Sr. Prof. Doutor Manuel Heleno, os quais são prova incontroversa de uma penetração e difusão castreja que, desde Elvas, se difunde e propaga ao longo do Guadiana.

Comportamento análogo aos de Álamo tiveram certos núcleos autóctenes de Castelo de Vide, Marvão

(1) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, 1889, vol. III.

(2) *Ob. cit.*, p. 133.

(3) *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*, Coimbra, 1888, I Parte.

e Barrancos (Monte Grande), construindo «chafurdões» e cabanas de falsa-cúpula (1).

Retomando o objectivo inicial desta nota e em concordância com a tese de Mário Cardozo e Jorge Dias, que não excluem a solução de falsa-cúpula para a cobertura das habitações castrejas, devo declarar que não conheci, no decurso das minhas excursões, o emprego de abóbada de cunha em construções rústicas dos nossos dias, que possam servir de paralelismo para o estudo arquitectónico daquelas habitações arcaicas.

Apenas me foi dado observar, uma única vez, o emprego da abóbada de cunha, e, essa mesma, não diz respeito a uma construção de carácter agrícola ou pastoril.

Segui atentamente a sua construção no lugar de Relvas, no concelho de Alvaiázere, na prática do enchimento do forno de cozer cal, sendo empregada com um duplo fim: servir de base à carga do forno e servir de abóbada ao reservatório onde se faz o lume.

Aqui termino os comentários que devia ter apresentado em melhor oportunidade e no citado Colóquio, se estivesse habilitada a fazê-lo com segurança.

Modestíssima achega que certamente não constitui novidade, representa, contudo, o produto de um esforço dispendido em benefício de um problema que preocupa todos os nossos arqueólogos e investigadores.

Por ser caso único e accidental, pois trata-se de um aproveitamento, não descrevi uma habitação de *faccira* (= frente) recta, cujas paredes laterais, também rectas, se vão inserir numa outra que delimita, atrás, uma área semicircular.

Esta habitação encontra-se, também, no lugar de Álamo.

Referir-me-ei a ela, num próximo artigo, quando tratar de outras construções de carácter provisório.

(1) Às cabanas de Pedralva (Aljezur) e de Barrancos (Monte Grande), referiu-se já o Sr. Prof. Doutor Jorge Dias (*Ob. cit.*).

Por considerar diminuta a contribuição toponímica que anotei, julguei avisado registá-la em simples nota de página.

A) — *Castelo de Ladrões* (Colos — Odemira); *Caveiras* (Melides — Grândola); *Palbotas* e *Pedras Alvas* (Viso — Grândola); *Penedinhas* (Viso — Grândola); *Penedos* (S. Miguel do Pinheiro — Mértola); *Penba, Monte Crasto* e *Nossa Senhora da Penba* (Viso — Grândola).

B) — *Roncão de Baixo, Roncão do Meio* e *Roncão de Cima* (Espírito Santo — Mértola); *Roncão* (Santiago do Cacém).

C) — *Lombardos* (Mértola); *Marrocos* (Espírito Santo — Mértola); e *Vale de Camelos* (Alcaria Ruiva — Mértola).



Fig. 1 — Casa de Álamo, de planta circular, actualmente habitada, pela Sr.^a Rosalina Maria e seu marido, na qual se verifica a forma económica de caiação usada, e que é comum, também, no centro e norte da Beira-Baixa.



Fig. 2 — Antiga habitação de Álamo, de planta circular, utilizada actualmente como arrecadação ligada à agricultura.

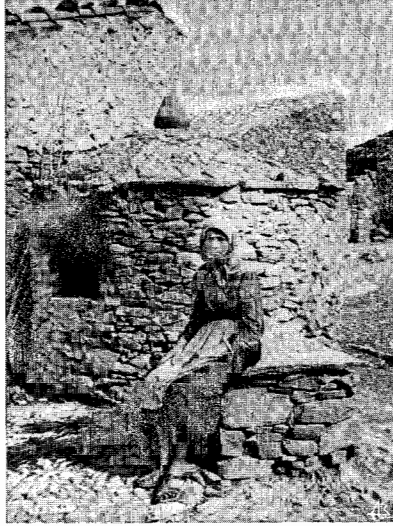


Fig. 3 — Forno-cozinha de Álamo, em laboração.

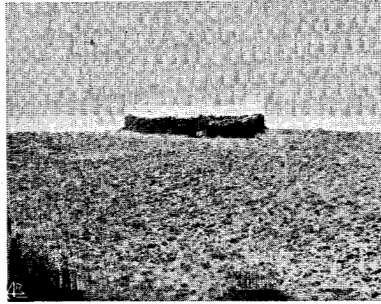


Fig. 4 — Curral de gado fotografado em Vaqueiros (Alcoutim).

